

Os Chilenos Elegeram uma Revolução

Por Norman Gall

New York Times 1/11/1970



Graffiti de Santiago: Uma cerca pintada por apoiadores de Allende. Sem qualquer teor marxista, ele propõe um programa simples: "Devemos fazer uso dos lucros gerados pela economia chilena e investi-los de modo a produzir novos benefícios". Ele apela à nacionalização total das minas e dos bancos.

Nesta quarta-feira, o Dr. Salvador Allende se tornará presidente do Chile, diante de circunstâncias que prometem ser um dos períodos mais tensos na América Latina desde os primeiros anos da Revolução Cubana. Na eleição de 4 de Setembro, a "Unidad Popular" - uma aliança minoritária de comunistas, socialistas, radicais de classe média e uma ninhada de pequenos partidos - arrancou 1,4% da pluralidade - menos de 40.000 votos - acima do ex-Presidente conservador Jorge Alessandri em uma amarga corrida de três vias.

A Constituição chilena requer que o Congresso escolha o novo presidente dos dois candidatos na liderança, se nenhum deles ganhar com uma maioria absoluta. Teoricamente, o congresso pode escolher livremente, mas uma poderosa tradição sempre ditou a seleção do chefe de estado. Assim Allende se tornou o primeiro Presidente Marxista-Leninista eleito livremente em qualquer nação do mundo.

Allende venceu porque os votos contra ele foram divididos entre dois candidatos, ao invés de terem sido concentrados massivamente em um - como fizeram nas eleições anteriores, seis anos atrás, em apoio ao Presidente Eduardo Frei, do Partido Cristão Democrata. Allende ganhou seus votos habituais nos antigos redutos comunistas e socialistas das províncias, mas recebeu proporcionalmente uma maior parcela de votos na capital. (A província de Santiago contém 40% do eleitorado.) Especialmente dentre a empobrecida classe média, que em 1964 apoiou Frei massivamente. Em explicação a mudança, Allende me contou que “O povo foi enganado, mentiram para eles e, desta vez, não deixarão que os enganem novamente. Agora, parece que muitas pessoas despertaram. O povo era mais exigente com Frei, porque Frei os prometeu uma revolução.”

Allende prometeu usar o seu mandato de 36% do eleitorado chileno para meramente “estabelecer os fundamentos para o socialismo” por meios constitucionais, no lugar de converter o seu país no segundo Estado Marxista-Leninista da América Latina. Mas essas promessas foram ignoradas por aqueles que estão profundamente preocupados com a vitória dele.

Os eventos das semanas seguintes à eleição podem ter dado o tom da política no Chile dos próximos anos. No dia seguinte à longa noite de eleições, o Presidente-eleito de 62 anos apareceu, cansado, em uma jaqueta de couro, diante dos 200 repórteres que invadiram a sede do Partido Socialista no velho e cinzento distrito comercial do centro de Santiago. Na conferência de imprensa, Allende repetiu o compromisso de sua campanha, que é nacionalizar completamente as grandes minas de cobre do Chile e privatizar os sistemas bancários. Também anunciou que ele tentará renegociar a dívida do Chile com os Estados Unidos (cerca de \$700 milhões) por termos mais longos e juros mais baixos. “Essa é a falha do sistema capitalista. A apenas 10 minutos do palácio presidencial você pode ver Chilenos vivendo em tendas na lama.”

Na segunda-feira, 7 de Setembro, o próximo dia útil, um pânico financeiro se espalhou pelos bancos e prédios comerciais. Houve um colapso nos preços na bolsa de valores local e milhares de depositantes correram para os bancos para esvaziar suas contas. Os bancos ficaram sem dinheiro para atender a demanda, e o mesmo ocorreu com o Banco Central. A partir deste cenário, as impressoras do governo começaram a funcionar o dobro da taxa normal, levando a um enorme aumento de notas em circulação no prazo de um mês após as eleições, em um país que tem sido atormentado por inflação crônica desde o século passado.

Logo após a eleição, a maior parte dos bancos de Nova York suspenderam todo o crédito comercial de rotina aos importadores chilenos. Os criadores de gado e comerciantes de aparelhos eletrônicos começaram a vender seus estoques por preços emergenciais, à medida que, ao sair do país, os dólares começaram a alcançar valores fora do normal. Após o governo ter estabelecido um imposto de 50% sobre as transações oficiais em dólares, escritórios de companhias aéreas transbordavam de pessoas que procuravam, inutilmente, voos para chegar à Argentina e trocar seus escudos chilenos por dólares nos mercados ilegais de Buenos Aires. Centenas de judeus alemães que encontraram refúgio no Chile durante a era de Hitler, procuraram a Embaixada da Alemanha Ocidental no Chile, para renovar sua cidadania alemã. Muitos chilenos abastados simplesmente abandonaram suas casas e negócios na urgência de deixar o país.

Apenas dois dias antes do congresso chileno certificar a eleição de Allende, o general René Schneider foi fatalmente ferido com arma de fogo por terroristas, que bloquearam a rota que ele costumava pegar para trabalhar, em uma rua perto de sua casa. O tiroteio de Schneider - a primeira tentativa de assassinato bem sucedida, ou não, de um importante oficial em 140 anos - foi o gatilho para uma série de bombardeamentos, que levaram Allende a acusar publicamente que uma tentativa de assassinato estava sendo preparada contra ele e que um número invulgar de exilados cubanos estavam cruzando as fronteiras do país.

Em meio a este caos pós-eleição, Allende conta ao *The New York Times*: “É preciso compreender que um governo necessita ponderar quais obstáculos irá encontrar. Talvez, se estes obstáculos forem criados artificialmente, se tiver uma conspiração de setores ultra reacionários, se a atual tentativa de provocar um caos econômico está acentuada, bem, nós seremos forçados a dar passos mais rápidos e decididos - ou seja, o processo pode ser radicalizado não porque assim o queremos, mas porque não temos outra escolha.

No entanto, ao assumir o cargo, Allende parece estar encurralado entre duas alternativas: presidir uma coligação fraca e conturbada, como aquelas da França pós guerra, ou tentar consolidar seu poder por meio de uma série de medidas drásticas - apesar de não necessariamente inconstitucionais - apoiadas nas leis existentes, dando aos presidentes chilenos poderes de prisão e controles econômicos que poderiam ser justificados pelo péssimo clima que tem sido construído.

Por muitos anos Allende tem vivido uma jornada dupla como parlamentar e revolucionário. Por exemplo, enquanto servia como presidente do Senado chileno (1965-69)

ele também foi apoiador da frente da **guerrilha de Castro**. E escoltou os sobreviventes fugitivos da guerrilha de Che Guevara após a sua fuga através da fronteira boliviana até serem entregues às autoridades francesas e cubanas no Taiti. Numa entrevista algumas semanas após as eleições, Allende - um homem de grande integridade e consistência nas suas posições políticas ao longo dos anos - fez esta dualidade parecer um pouco mais coerente.

“O Chile é uma das comunidades mais evoluídas politicamente na América Latina”, ele me contou que é “um país em que a democracia burguesa tem alcançado um alto nível. Nosso congresso existe há 120 anos. Nós temos partidos políticos, como os Radicais, que existem há 110 anos. O partido comunista tem 47 anos de idade e o Socialista foi fundado há 34 anos. Apesar da burguesia democrática ter atingido um nível elevado aqui, nenhum governo conseguiu solucionar os problemas de moradia, emprego e educação. Por exemplo, em 1940, quando eu era Ministro da Saúde Pública, eu organizei a primeira exposição sobre habitação do Chile, numa época em que havia um déficit de 320.000 unidades habitacionais. Nos 30 anos decorridos desde então, seis Governos chegaram e partiram e hoje há um déficit de 440.000 moradias. Em outras palavras, não foram construídas casas o suficiente em relação ao proporcional aumento da população. Além disso, 43% dos chilenos não têm acesso a uma boa alimentação, na medida em que metade das crianças com idade abaixo de 15 anos sofrem com a desnutrição e há 600.000 crianças que são mentalmente atrasadas por conta de um fornecimento insuficiente de proteína.

“Nossos presidentes têm sido homens humanitários que desejam que seus conterrâneos tenham trabalho, educação, moradia e alimentação de qualidade. Mas por que eles não conseguiram resolver estes problemas? Não é porque eles não querem. É porque o sistema está esgotado e não abre espaço para mais mudanças. E por que ele não permite essas mudanças? Porque nós somos um país que exporta matéria prima e importa produtos manufaturados, porque somos uma nação colonial dependente. Dependente de quem? Das grandes nações industriais e especialmente do capitalismo imperialista. Por esta razão, ser revolucionário significa romper com esta dependência econômica e política.

A imagem do Marxismo que Allende apresenta é muito menos uma doutrina intelectual do que a **de um político trabalhador**, um convincente orador de campanha, do qual a ferramenta costumeira são os antigos slogans da esquerda que tem um grande poder de suscitar emoções populares mas que cada vez menos tem relação com as complexidades do desenvolvimento econômico. Embora suas pessoas mais íntimas digam que ele não leu muito

os trabalhos do Marxismo, Allende é um político astuto e tenaz que se tornou um eloquente recriminador das injustiças da dependência econômica e do neo-colonialismo.

“O Chile não pode continuar como um país que importa \$160 milhões por ano de carne, trigo, banha, manteiga e óleos vegetais, quando há terra suficiente para alimentar o dobro da nossa população”, disse-me. “O Chile tem maravilhosos pontos de pesca além da costa e, aproximadamente, 3.000 milhas de linha costeira.” Mas nós não temos nenhum porto de pesca, bem como nenhum contato com uma rede de caminhões refrigerados para transportar os peixes da costa para as cidades do interior.

“Nós somos um país rico, mas nossas riquezas não estão em mãos chilenas. Nós precisamos usar os lucros produzidos pela economia chilena e investi-los para o rendimento de novos benefícios. Por esta razão, nós precisamos recuperar as riquezas que estão nas mãos de capitais estrangeiros, e ao mesmo tempo acabar com os monopólios chilenos, executar uma reforma agrária autêntica, e controlar tanto o comércio interno quanto o comércio e crédito bancário.”

O Partido Democrata Cristão - o maior partido do congresso - quase se dividiu ao meio em relação à decisão se apoiariam Allende ou não. Para tranquilizá-los, Allende concordou com uma série de alterações constitucionais que garantem a liberdade de imprensa, os direitos da assembleia e de viagem, a existência de escolas paroquiais e privadas sem fins lucrativos, o direito de aderir a sindicatos de trabalhadores e a greve.

Em uma tempestuosa conferência do partido Democrático Cristão, o secretário do partido Benjamin Prado alertou: “Negar a Allende a possibilidade de assumir a presidência seria o mesmo que dizer a 36% do eleitorado: ‘Vocês têm direito de participar das eleições, mas não de ganhá-la. Vocês podem estar em segundo ou terceiro, mas nunca primeiro.’” Isto seria dizer que aqueles da esquerda que brigaram por uma insurreição armada estavam certos.” Mas provavelmente o argumento mais persuasivo foi o fato de que na eleição de 1958 Allende - que na época retornou pelo partido Comunista - perdeu por Alessandri por uma margem mais estreita do que a que venceu Alessandri este ano e, naquela ocasião, Allende reconheceu a vitória de Alessandri na noite da eleição.

Na casa pequena e elegante de Allende no prestigiado distrito de Providencia, em Santiago, há um incessante tráfego de políticos e jornalistas nas últimas semanas. Eles especulam sobre a pequena sala de estar e escritório, inspecionam a coleção de cerâmica pré-colombiana do presidente, o marfim Orientalia, as suaves pinturas a óleo impressionistas

e as vivas cores pastéis nas pinturas modernas, e as fotografias de suas viagens para a China, Vietnã do Norte e Cuba, especialmente a grande foto ao lado de seu velho amigo Fidel Castro em uma mesa de piquenique em bucólico cenário cubano. Um dos poucos livros em seu escritório é uma edição original Cubana da autobiografia de Che Guevara, "Guerrilla Warfare" com a seguinte dedicatória: "Para meu amigo Salvador Allende, que está tentando fazer a mesma coisa, por diferentes caminhos"

Na noite da eleição, Castro telefonou de Havana para os líderes do partido Unidade Popular, para parabenizar a vitória do candidato e soube que Allende, naquele momento, estava em uma sacada da Federação Estudantil Chilena conduzindo um enorme comício de vitória. Alguns dias depois, Castro enviou uma carta para Allende com as seguintes mensagens: (1) Mantenha o cobre chileno no mercado do dólar, pelo maior tempo possível (i.e., não dependa fortemente dos Russos); (2) Mantenha seus técnicos no Chile, custe o que custar; (3) Eu sei que você é um revolucionário, não precisa provar isso; (4) Não é necessário que eu vá na inauguração, eu posso ir quando te beneficiar politicamente.

Allende é um desses chilenos socialistas extrovertidos, que está constantemente afetando a liderança comunista do Chile. Os socialistas são uma mistura desordenada de Socialistas Democratas, Maoístas, Castristas e Trotskistas que frequentemente assumem posicionamentos longes da esquerda comunista; No começo deste ano, foi quase negada a Allende a nomeação presidencial do partido Socialista, porque ele não era considerado revolucionário o suficiente. Em contraste com a maioria das uniões comunistas e dos líderes parlamentares, com seus modos severos, discursos monótonos e ternos pretos, Allende é um mulherengo - "Eu já fui acusado de tudo, exceto de ladrão e homossexual," diz ele repetidamente nas entrevistas - assim como um maçom com amigos de todos os tons do espectro político e pouquíssimos inimigos pessoais. Ele tem funcionado muito bem na política chilena, esta sociedade é apresentada pelo tipo de publicações que ele fez durante sua longa carreira pública. Aos 30, ele foi um brilhante Ministro da Frente de Saúde Popular, gabinete do Presidente Pedro Aguirre Cerda (1938-41). Desde então, ele tem servido o congresso por três décadas.

"Meu avô era tranquilo, sereno, mestre da Ordem Maçônica do Chile, o que era algo muito avançado para sua época" me contou Allende uma noite em sua casa. "Ele fundou a primeira escola laica do Chile e foi senador pelo partido Radical, o que quer dizer que ele teve um forte posicionamento contra o velho conservadorismo clerical.

“Na época que eu vim para Santiago para estudar medicina, os médicos estudantes eram a vanguarda do movimento estudantil. Isso porque nós vivíamos nas periferias próximas à escola e nós aprendemos muito rapidamente que uma boa saúde é comprada e muitas pessoas não podem pagar este preço. Na universidade, eu sempre estive na esquerda. Eu era líder estudantil. Eu fui preso e mais tarde expulso da universidade, depois readmitido. Apesar de tudo, eu sempre tive boas notas.

“No entanto, quando eu me formei, tive uma grande dificuldade em encontrar emprego porque eu era conhecido como o líder e fundador do Partido Socialista. Imerso nestas circunstâncias, eu consegui encontrar emprego apenas depois de realizar 4 vezes um mesmo exame de qualificação, para o mesmo cargo, que foi declarado não preenchido mesmo que eu fosse o único candidato o que significa que eles não me queriam para este trabalho, mesmo em pessoas mortas. Eu precisei de influência política para conseguir um emprego em autópsia no necrotério de um hospital, trabalho que fiz por 18 meses e que me ensinou uma lição para o resto da vida. Porque, nos hospitais públicos, quando é necessário realizar uma autópsia, nos damos conta da miséria psicológica de algumas pessoas, do que a fome faz um ser humano passar e a diferença extraordinária entre aqueles que podem pagar por uma clínica privada e aqueles que vivem na pobreza, ficam doentes e morrem em um hospital público”.

Provavelmente a decisão política mais grandiosa da carreira de Allende veio em 1951, quando fez seu primeiro pacto eleitoral com os Comunistas no auge da guerra fria, um momento em que o partido Comunista Chileno era ilegal e a maioria de seus líderes viviam escondidos. A aliança de Allende com os Comunistas - o que provocou sua expulsão do partido Socialista - também foi uma época em que a maioria de seus amigos democráticos deixaram a América Latina - como o ex-Presidente da Venezuela, Rómulo Betancourt, Presidente da Costa Rica, José Figueres e Víctor Raúl Haya de La Torre, líder do APRA no Peru - que se aproximava mais da política estrangeira dos Estados Unidos e da comunidade empresarial de seus próprios países. “Deixe-me dizer que nós éramos amigos de muitos líderes latino-americanos porque eles vinham para o Chile por exílio político durante regimes ditatoriais”, me contou Allende. “Mas nenhum destes homens era um socialista ou um militante do partido socialista, nem mesmo propagavam os ideais marxistas. Rómulo Betancourt (em exílio) foi expulso do Partido Comunista e os fatos de sua expulsão ou separação talvez expliquem porque ele tem sido um anti-comunista desde então. Por outro lado, eu nunca mudei porque eu fui sempre um socialista e sempre abracei a doutrina

Marxista, que é uma teoria científica para interpretar econômica e socialmente as realidades. Esta posição bem definida se manteve na mesma linha e esta é minha base moral, política e capital.

“Agora, me pergunte porque em 1951 eu ingressei numa aliança com os Comunistas. Eu não tive que fazer isso por causa da Guerra Fria, da guerra morna, ou da guerra quente, mas porque o Chile precisava. Da forma que eu via naquela época, o Chile deveria ter iniciado um curso político mais claro do que o caminho escolhido por meus companheiros do Partido Socialista, que apoiavam a candidatura de Gen. Carlos Ibañez (que liderou milhares de ditaduras com apoio facista no século XIX). Além de suas considerações pessoais, Ibañez não podia significar um processo revolucionário. Também acho que a revolução anti-imperialista e anti-oligárquica precisa ter uma base essencialmente pautada na classe trabalhadora, e a classe trabalhadora no Chile é representada basicamente por Comunistas e Socialistas. Se não existisse o acordo entre os partidos Comunistas-Socialistas, existiria uma luta fratricida entre ambos, como em tempos anteriores, que enfraqueceria o movimento revolucionário e beneficiaria a burguesia imperialista. Eu fui expulso do meu próprio partido por não suportar Ibañez e o pacto Comunista-Socialista não teve nenhum propósito eleitoral porque o partido Comunista ainda era ilegal. Mas eu fui motivado por algo muito mais importante: a criação de um autêntico instrumento de libertação da classe operária e da libertação do Chile.”

A grande questão hoje, é claro, é até que ponto Allende terá de se apoiar no devotamento do Partido Comunista Pró-Soviético Chileno - o terceiro mais poderoso no Ocidente depois dos partidos francês e italiano - para se manter no poder. Ao contrário de seus outros aliados da coalizão, os comunistas são um instrumento político coeso e disciplinado com 60.000 membros que controla a Confederação dos Trabalhadores do Chile e por anos serviu como principal defensor da América Latina do "caminho pacífico para o socialismo." Espera-se que eles ocupem dois ou três cargos menores no Gabinete, mas estão tentando preencher muitos cargos secundários importantes, a partir dos quais os assuntos do dia-a-dia da maioria dos ministérios são controlados.

Sua organização se estende à maioria dos bairros operários de Santiago, incluindo a periferia da cidade, e está profundamente infiltrada entre os jornalistas na maioria dos jornais, rádios e televisões do país. É a única organização política do Chile que pode oferecer a

Allende um grande número de quadros bem treinados e confiáveis em uma emergência política.

No fim da tarde, no escuro e mofado prédio Vitoriano que abriga o senado chileno - uma relíquia da prosperidade do nitrato na virada do século no Chile - conversei com o principal ideólogo dos comunistas, o senador Volodia Teitelboim. Ele é um homem letrado, careca, baixinho, de rosto inchado e olhos acolhedores - filho de um judeu ucraniano que migrou para uma pequena cidade chilena na década de 1890 - cujos extraordinários poderes de persuasão e manobra o tornaram o arquiteto principal da aliança Unidad Popular de Allende.

Perguntei a Teitelboim por que os comunistas chilenos chegaram ao poder pacificamente, enquanto os comunistas italianos, muito mais poderosos, foram derrotados. “Chile, você sabe, tem muito em comum com a Itália”, disse ele. “A Igreja Católica Romana tem sido um denominador comum muito forte, ambos os países passaram pelas dificuldades do século 19 entre o conflito do liberalismo anticlerical e conservadorismo que defendia os empenhos da Igreja Católica que o liberalismo venceu. Tanto no Chile quanto na Itália, houve confrontos dramáticos nas últimas décadas entre Comunistas e o Partido Democrático Cristão apoiado pela igreja. Não somos tão fortes como os Comunistas Italianos. Se, neste momento, fomos mais longe aqui no Chile, é porque na Itália os comunistas não foram capazes de superar a oposição do Vaticano e dos Socialistas e porque na Itália não há movimento sindical unificado como o que temos aqui. Acreditamos, como todos os demais comunistas leninistas, que o leninismo não é um dogma, mas um guia para a ação. Portanto, somos contra os dogmas e acreditamos que este guia de ações nos obriga a viver dentro de nosso próprio país.”

Os Comunistas parecem ser os membros mais cautelosos e responsáveis. Eles podem parecer os mais ferrenhos defensores da democracia burguesa até o final do jogo, assim como na Guerra Civil Espanhola, e se um estreito relacionamento Chileno-Soviético se desenvolver, pode ser mais semelhante aos laços da Rússia com o Egito do que com Cuba. É improvável que os comunistas levem Allende a posições extremas, mas provavelmente tirariam proveito de uma situação caótica e polarizada, como fizeram nos primeiros anos da revolução cubana. Dentro da coalizão da Unidad Popular, os comunistas lidam com uma posição e se tornarão mais fortes se o Chile começar a depender da ajuda soviética. Allende

terá de se apoiar neles porque nenhum outro partido está igualmente preparado para ajudá-lo a governar.

O programa Unidad Popular é específico sobre que tipo de empresa estrangeira e chilena será nacionalizada, mas é muito vago sobre como atingir seus demais objetivos. Promete a propriedade estatal das maiores minas de cobre, nitrato, ferro e carvão, bancos e companhias de seguros do Chile, o “monopólio de distribuição” e os “monopólios de estratégias industriais”. Promete pleno emprego e uma mudança na produção industrial “de bens de luxo para bens de primeira necessidade”, enfatiza que “a luta contra a inflação será decidida essencialmente com as mudanças estruturais anunciadas”. O programa compromete-se. “a garantia do cumprimento desses objetivos reside no controle pelo povo organizado do poder político e econômico, expresso no setor estatal da economia e no seu plano geral.”

Ninguém sabe o que o Governo da Unidad Popular entenderia por "paralisada artificialmente”, mas Allende, em um discurso alguns dias depois, disse a seus seguidores para “denunciar todos os donos de fábricas que não reabastecerem seus estoques ou pararem de comprar matéria-prima.” As forças de Allende prometem - nas novas emendas constitucionais - permitir greves, mas não há indicações de até que ponto permitirão disputa de mão-de-obra para criar o caos econômico.

Mesmo em circunstâncias normais, tais políticas podem muito bem ser inflacionárias. Na atual crise financeira do Chile, com enormes déficits do governo e o pânico financeiro que se seguiu à vitória de Allende, e a queda alarmante no setor agrícola e produção de fábrica, essas políticas poderiam causar uma inflação tão explosiva que expulsaria os inimigos da Unidad Popular tanto dos negócios quanto do país. É duvidoso que os medíocres conselheiros econômicos de Allende possuam a imaginação diabólica ou a habilidade técnica para usar a inflação como arma política. Mas o ditado de Lenin sobre a depreciação da moeda, mesmo se aplicado inadvertidamente, seria a maneira mais fácil de realizar mudanças rápidas na estrutura de poder do Chile sem quebrar nenhuma lei existente.

Uma das coisas mais impressionantes sobre o Chile hoje é o quão longe ele já foi no caminho para o socialismo. Tem um gigantesco (mas empobrecido) Serviço Nacional de Saúde quase tão antigo quanto o da Grã-Bretanha, e está acostumado há décadas à intervenção estatal maciça e ao controle da economia. As promessas de Allende de trazer a indústria do cobre, que produz um quarto do suprimento mundial e os bancos privados sob

propriedade estatal têm de acelerar e expandir o esforço de reforma agrária do Chile, também fizeram parte do Partido Democrata Cristão este ano para conseguir apoio popular. Tanto a nacionalização do cobre quanto a reforma agrária foram iniciadas de forma pacífica, mas modesta, nos últimos seis anos pelos cristãos democratas, sob a orientação paternal e carismática do Presidente Frei, cuja proposta de uma "revolução na liberdade" fez muito para sair e expandir a democracia chilena, mas, ao mesmo tempo, aumentou a tensão e as esperanças insatisfeitas que levaram à vitória de Allende.

O núcleo do eleitorado chileno que deu a Allende seu triunfo é a classe miserável e proletarizada de Santiago. O país se urbanizou pesadamente muito antes do que a maioria das repúblicas latino-americanas, durante o boom do nitrato que terminou há meio século. O fim do boom do nitrato deixou um grande número de camponeses migrantes e imigrantes europeus presos nas vilas e cidades do Chile, e a única maneira de evitar a convulsão social era criar empregos mal pagos e improdutivos na burocracia governamental, onde trabalhadores de colarinho-branco empobrecidos ainda ganham salários tão baixos quanto \$30 ou \$ 40 por mês em média.

Recentemente, visitei um grupo de funcionários de colarinho-branco do Serviço Nacional de Saúde, que aumentou de 32.000 para 56.000 trabalhadores durante os seis anos de governo de Frei, que tinham acabado de tomar a medida desesperada, mas oportuna de se juntar à onda de invasões de terras urbanas que se espalhou por toda parte a área de Santiago. Eles quebraram as fechaduras de um assentamento de 200 casas que, por negligência burocrática, ficaram desocupadas por três anos após serem concluídas.

"Antes de tomarmos esta casa, eu morava em um quarto com minha esposa grávida e nosso pequeno filho", um trabalhador de laboratório alto e de óculos me contou. "Estávamos cozinhando com um fogão a querosene na mesma sala. Todos nós aqui trabalhamos perto de um laboratório do Serviço Nacional de Saúde e sabíamos que há três anos essas casas foram rejeitadas pelo fundo de empregadores privados que os financiou.

"O governo dá reajuste salarial todo mês de janeiro, mas é sempre menor que a alta real dos preços. Quando compro um terno ou um par de sapatos, tenho que comprar a prazo em seis vezes. Mas os comerciantes cobram o dobro do preço à vista porque também precisam se defender da inflação. Nossa classe média sempre se identificou com aqueles social e economicamente acima dela, mas agora eles estão se convencendo de que são parte do proletariado como todos os outros."

A maioria das ocupações de terras são realizadas por moradores de favelas cujas famílias vivem em quartos individuais alugados por \$4 ou \$5 dólares por mês, e são uma prática comum em toda a América Latina em época de eleições e outras mudanças de governo. No Chile, essas invasões, geralmente ocupando lotes vagos ou terras do governo reservadas para parques e projetos habitacionais, são planejadas e executadas com muito mais habilidade do que em qualquer outro lugar. Os comunistas, por exemplo, nos últimos 12 anos contrataram um trabalhador para organizar a confiscação de terras para manter o governo desequilibrado, especialmente em época de eleições. Embora os cristãos democratas tenham fornecido novas casas e canteiros de obras para cerca de um quinto da população urbana do Chile nos últimos seis anos, a pressão por novas moradias continua avassaladora. Na eleição de 1970, as invasões tornaram-se uma ação aberta para todos, organizada não apenas por comunistas e socialistas, mas também por seguidores de direita Alessandri, o Castroit de M.I.R. (Movimento da Esquerda Revolucionária) e até mesmo os próprios cristãos democratas no poder.

Houve cerca de 50 ocupações durante e desde a campanha eleitoral. Cerca de 85.000 pessoas estão vivendo em "campos de invasão" feitos de folhas de plástico frágeis, descartadas, caixotes de madeira, colchões velhos, telhados de zinco enferrujados e colchões de molas. A maioria dos acampamentos é cercado por arame farpado, decorado com lonas de tenda cigana de cores vivas.

As idas e vindas são estritamente controladas. Os alto-falantes convocam as pessoas para as reuniões e tocam sons de canções revolucionárias. Nos acampamentos de M.I.R., universitários armados com pistolas e metralhadoras e com boinas pretas de Che Guevara convocam seus acusados para uma reunião da milícia. Juan Araya, o magro veterano comunista de cabelos grisalhos que foi o pioneiro da ocupação de terras "Sin Casa" ("Sem-teto"), acusou o MIR, após a eleição, de administrar "campos de concentração" cujos habitantes "vivem horrorizados" se não seguirem as ordens. O próprio Araya deu a entender que as invasões de terras não podem ser toleradas pelo Governo da Unidad Popular, dizendo a uma audiência de posseiros que "a área de Santiago está ficando sem terras e teremos que começar a construir verticalmente".

Essas palavras e gestos revolucionários estão muito em evidência hoje. Na década entre a ascensão de Fidel Castro e a eleição de Salvador Allende, as forças revolucionárias na América Latina sofreram muitas derrotas: o fracasso das insurreições da guerrilha na

Venezuela, Colômbia, Guatemala, Peru, Bolívia, Brasil, Paraguai e Argentina; a supressão da revolta popular de 1965 em Santo Domingo pela intervenção militar dos EUA; o estabelecimento de regimes militares neofascistas no Brasil e na Argentina e o desastre da expedição boliviana de Che Guevara. No entanto, a maré começou a virar com o surgimento de governos militares nacionalistas de esquerda no Peru e na Bolívia, o sucesso extraordinário da guerrilha urbana de Tupamaro no Uruguai e o ativismo revolucionário de grandes setores da Igreja Católica. Agora, com a posse de Allende na presidência chilena, essas forças revolucionárias terão grande oportunidade de inovação em condições políticas e econômicas extremamente difíceis - que iriam além dos gestos e slogans que vêm utilizando há anos.

Há um enorme vazio na literatura marxista sobre como lidar com o maior problema da América Latina: o enorme e crescente subproletariado de camponeses migrantes desempregados e subempregados para as cidades. A sobrevivência de Fidel Castro em Cuba se deve em grande parte à sua capacidade de proporcionar aos cubanos mais pobres dois benefícios dramáticos e essenciais: emprego e educação. Logo no início da Revolução Cubana. Se o presidente Allende será capaz de entregar esses benefícios aos chilenos mais pobres sem mergulhar seu país em um caos econômico ainda maior, isso afetará muito o futuro da esquerda revolucionária na América Latina. Como o próprio Allende disse em um discurso empolgante após as eleições para os trabalhadores da campanha: "Agora as pessoas estão falando do caminho chileno. Embora autenticamente chileno, isso terá repercussões em toda a América Latina. Depois de 4 de novembro, o Chile será atingido como uma bola de futebol chutada por Pelé."